



ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses
Volume 73

A PENÍNSULA IBÉRICA ENTRE OS SÉCULOS V E X – CONTINUIDADE,
TRANSIÇÃO E MUDANÇA

Título

Arqueologia & História

13ª Série

Volume

73

Ano de Edição

2022

Ano Associativo AAP

2021

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

José Morais Arnaud

Coordenação

José Morais Arnaud e Andrea Martins

Design gráfico

Flatland Design

Fotografia da capa

Inscrição paleocristã, Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (fotografia de José Paulo Ruas)

Impressão

Europress, Indústria Gráfica

Tiragem

300 exemplares

Depósito legal

73 446/93

ISSN

0871-2735

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

ÍNDICE

- 5 Editorial
José Morais Arnaud
- A PENÍNSULA IBÉRICA ENTRE OS SÉCULOS V E X – CONTINUIDADE, TRANSIÇÃO E MUDANÇA**
- 9 Encontro Internacional: *A Península Ibérica entre os Séculos V e X – Continuidade, Transição e Mudança*.
Apresentação
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 11 Arqueologia e história da cidade do Porto no período tardo-antigo e alti-medieval
António Manuel S. P. Silva, Manuel Luís Real
- 37 Contextos Tardios no teatro romano de Lisboa: reconversão de espaços monumentais
Lídia Fernandes, Marco Calado, Carolina Grilo
- 47 Defensa de la muralla augustea de Emerita
Miguel Alba
- 67 Troia e a ocupação tardo-antiga no baixo vale do Sado
Ana Patrícia Magalhães
- 83 Da luz e das sombras. O caso da *villa* da Horta da Torre (Cabeço de Vide, Fronteira) e a desestruturação da paisagem rural antiga
André Carneiro
- 97 A cidade romana de Balsa – novas e velhas evidências do período final da cidade
João Pedro Bernardes, Vítor Silva Dias
- 107 Mértola e o seu território na Antiguidade Tardia
Virgílio Lopes
- 121 O Castro S. João das Arribas. Novos dados para a longa história nas Arribas
Mónica Salgado, Pedro Pereira, Susana Cosme
- 131 A ocupação tardo-antiga e alto-medieval no concelho de Santa Comba Dão (Viseu)
Pedro Matos, Helena Catarino
- 143 *Olysipona*, entre o Império e o Islão
Jacinta Bugalhão
- 157 El paisaje humano del territorio emeritense entre los siglos V al X
Bruno Franco Moreno
- 169 O que nos dizem do século VIII (algumas fontes coevas)
João António Ferreira Marques
- 177 Campesinos del entorno de Toledo en época emiral temprana (inicios s. VIII a mediados s. IX d.C.)
Alfonso Vigil-Escalera Guirado
- 187 Poblamiento emiral en el Garb al-Andalus
Susana Gómez Martínez
- 207 A presença cristã antiga e os primeiros tempos islâmicos no Castelo de Silves
Rosa Varela Gomes
- 221 Continuidad y cambio en la producción y consumo de la cultura material en Córdoba: siglos VII-X
Elena Salinas

- 235 Reflexiones sobre el mundo rural mozárabe. Materialidad, rituales y hábitos del poblado y cementerio de Tózar, Granada
Luca Mattei, Cristina Martínez Álvarez
- 245 Casa Branca, uma aldeia alto-medieval dos arredores de Évora
Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Telmo Pinheiro Silva
- 265 Os primeiros vidrados no Gharb al-Andalus no século IX-X: análises arqueométricas e interpretação histórica
Elena Salinas, Carmen Iñiguez, M^a. José Gonçalves, Susana Gómez

ARTIGOS

- 275 Lisboa pelos olhos de Endovélico: o potencial de uma base de dados para o conhecimento das populações passadas
Filipa Neto, Cristina Barroso Cruz
- 285 Instrumentos Cirúrgicos Romanos na Quinta de Crestelos (Meirinhos-Mogadouro)
Luísa Batalha, Aaron Lackinger, Enrique Paniagua Vara, Sérgio Simões Pereira

COLÓQUIO DE HOMENAGEM A FRANCISCO TAVARES PROENÇA JÚNIOR

- 299 Apresentação – Colóquio de homenagem ao arqueólogo Francisco Tavares Proença Júnior
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 303 Arqueologia: coleções de Francisco Tavares Proença Júnior
Ana Margarida Ferreira
- 307 Tavares Proença Júnior e a Covilhã – um trabalho por acabar...
Carlos Manuel Dias Madaleno
- 315 Contributos para a Carta Arqueológica do Concelho do Fundão. Inventários arqueológicos do Concelho do Fundão: de Francisco Tavares de Proença Júnior a 2016
Joana Bizarro
- 323 Arqueologia do concelho de Penamacor. Do inventário de 1910 ao inventário de 2016
Sara Ferro
- 331 Carta Arqueológica do Concelho de Belmonte após Francisco Tavares Proença Júnior
Elisabete Martins Robalo

RELATÓRIOS

- 341 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2021
José Morais Arnaud
- 347 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2021
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 353 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2021. Plano de Actividades para o Ano 2022
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 355 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2021
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 359 Comissão de Arqueologia Profissional da AAP. Relatório de Actividades do ano 2021
Jacinta Bugalhão, Miguel Lago, Rodrigo Banha da Silva
- 361 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3^o milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2021
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

O QUE NOS DIZEM DO SÉCULO VIII (ALGUMAS FONTES COEVAS)

João António Ferreira Marques

CEAACP – Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património – Universidade de Coimbra / jmarques64@gmail.com

Resumo

No palácio de Qusayr 'Amra, do início do século VIII, na Síria, actual Jordânia, sobreviveu até ao século XIX uma imagem de Rodrigo, o último rei visigodo da Hispânia.

Esta pintura omíada antecede as duas primeiras fontes históricas escritas que narram a invasão da Península Ibérica em 711, a Crónica bizantina-arábica, de 743-744, e a Crónica Moçárabe de 754, que descreve os detalhes da conquista muçulmana.

O processo de domínio político do território pelos invasores passou pela submissão das principais cidades e pacificação do território através da incursão militar, campanhas realizadas por Tāriq, Mūsà, governador da Ifríquia, e pelo seu filho, 'Abd al-'Aziz, entre 711 e 716.

A leitura atenta do Pacto de Teodomiro de 713 demonstra, em primeiro lugar, a existência de um importante foco de resistência ao invasor, num território que compreende sete cidades, que preferiu negociar uma trégua e a aceitação, mesmo que temporária, de uma autonomia regional.

A submissão da Hispânia e a formação do al-Andalus foi assim um processo militar e diplomático que envolveu um posterior complexo processo de hibridismo cultural.

Palavras-chave: Invasão e submissão, Fontes escritas e iconográficas, Hibridismo cultural.

Abstract

The palace of Qusayr 'Amra, from the beginning of the 8th century, in Syria, now Jordan, survived until the 19th century, an image of Rodrigo, or the last Visigoth king of Hispania.

This ominous painting precedes the two first written historical sources that narrate the invasion of the Iberian Peninsula in 711, the Byzantine-Arabic Chronicle, from 743-744, and the *Moçárabe* Chronicle of 754, which reveals the details of the muslim conquest.

The process of political domination of the territory by the invaders passed through the submission of the principal cities and pacification of the territory through the military incursion, campaigns carried out by Tāriq, Mūsà, governor of Ifríquia, and by his son, 'Abd al-'Aziz, among 711 and 716.

A careful reading of the Pact of Teodomiro of 713 demonstrates, in the first place, the existence of an important focus of resistance to the invader, a territory that includes seven cities, which preferred to negotiate a truce and to accept, even temporarily, a regional autonomy.

The submission of Hispania and the formation of al-Andalus was assimilated by a military and diplomatic process that involved a subsequent complex process of cultural hybridism.

Keywords: Invasion and submission, Written and iconographic sources, Cultural hybridity.

1. OS OMÍADAS E AS PRIMEIRAS FONTES DA CONQUISTA DA HISPÂNIA

A visão dos acontecimentos pelos seus contemporâneos deixou poucos testemunhos coevos.

No palácio de Qusayr 'Amra, do início do século VIII, na Síria, actual Jordânia, sobreviveu até ao século XIX uma imagem de Rodrigo, o último rei visigodo da Hispânia.

Esta pintura omíada antecede as duas primeiras fontes históricas escritas que narram a invasão, a Crónica bizantina-arábica, de 743-744, e a Crónica Moçárabe de 754, que descreve os detalhes da conquista muçulmana.

Aqui, a iconografia, à sua maneira, também conta a história do ponto de vista dos conquistadores omíadas.



Figuras 1 A e 1B – Qusayr 'Amra, Jordânia. Painel de fresco «A Família de Reis», localizado no hall, parede oeste, cerca de 705-715. Destaca-se em 1B a figura do rei Rodrigo ¹.

A presença de Rodrigo em Qusayr 'Amra tem, segundo Javier Arce (2011, pp. 284-285), um significado múltiplo e vai mais além que a representação de um súbdito vencido: o último rei visigodo encontra-se ali equiparado e considerado como um dos grandes poderosos da terra, e a derrota dos visigodos é proclamada como a conquista do extremo do Mediterrâneo situado a Ocidente e a origem da captura de imensos e valiosos despojos.

Para os Omíadas, esta vitória era considerada uma grande empresa que destruiu não um rei débil nem um reino decadente, arruinado ou desintegrado, mas representava a conquista de uma das grandes potências dos reinos conhecidos (Arce, 2011, p. 292). Ainda de acordo com Hugh Kennedy (2007, p. 309), a ideia de que um pequeno número de berberes e de oficiais árabes pudessem atacar e destruir o poderoso e formidável reino visigótico parecia à época muito improvável.

Mas a interpretação desta imagem, desse distante último rei rodeado por outros soberanos também derrotados, não pode ser desviada do seu local e do seu contexto, nem das implicações culturais que a conquista muçulmana teve no ocidente.

Do ponto de vista da expressão artística assiste-se também a uma apropriação de modelos e de uma linguagem estilística que não são novas. Eva Baer sublinha que, no início da arte islâmica, se encontra bem documentada a presença de efígies humanas com base em modelos de fim de antiguidade greco-romana (Baer, 1999, pp. 33-34).

Os Omíadas de Damasco tomam assim para si modelos bizantinos e também sassânidas, impérios que conquistam no Oriente, sendo evidente na sua iconografia artística motivos claramente não-árabes (Cardoso, 2014, p. 14).

Estas influências orientais, sobretudo da Pérsia, iriam intensificar-se, na cultura material, com os califas abássidas instalados em Bagdade a partir de 762, que se tornou então no centro de um vasto Império.

¹ Reprodução de fotografias de Ghazi Bisheh (2022). Representação de seis figuras ricamente vestidas, três das quais se encontram em primeiro plano com os braços estendidos à sua direita e três outras posicionadas atrás. As primeiras quatro figuras na pintura são o imperador de Bizâncio, o Xá persa, o Negus da Etiópia, e o rei visigodo, Rodrigo, confirmada através de inscrições em grego e árabe, situadas sobre cada líder. Tem sido postulado que os restantes dois são o imperador da China e o Khan dos turcos. Simboliza a ascendência do califa islâmico sobre um conjunto poderoso dos reis contemporâneos. A iconografia, à sua maneira, também conta a história do ponto de vista dos conquistadores omíadas.

A Crónica bizantina-arábica, de 743-744, escrita como continuação da Crónica de João de Biclaro e da História dos Godos de Isidoro de Sevilha, por eventual funcionário islâmico (citação), refere o seguinte quanto ao período do Califa Walid I (705-715) (Martín Iglesias, 2008):

«E nas regiões do Oeste, através do general do seu exército chamado Musa invadiu e subjugou o reino dos godos na Hispânia, um reino firme e poderoso desde os tempos antigos; e depois de derrubar este reino, ele fez dos godos seus súbditos. Levando a cabo prosperamente todas estas guerras, durante o nono ano do seu reinado, tendo sido exibido diante de si as riquezas de todos os povos como ele tinha imaginado, veio o final da sua vida.»

A Crónica Moçárabe de 754 (López Pereira, 1980), descreve os detalhes da conquista muçulmana, como se de uma outra migração «bárbara» se tratasse (Christys, 2003, p. 17). Mas neste período de cerca de quarenta anos, terá perdurado uma marca vincada (na memória do cronista) reveladora de um saudosismo dos contemporâneos perante a adversidade da perda da autonomia política.

Os autores cristãos não vão falar de Islão ou de muçulmanos, palavras que são desconhecidas nas línguas do ocidente e utilizam designações étnicas como árabe, sarraceno ou ismaelita (Tolan, 2002, p. XV).

As invasões muçulmanas não foram a irrupção de um novo e estrangeiro povo no crescente fértil. Os Árabes há muito que eram confederados das forças militares romanas ou bizantinas. Fundaram cidades e fixaram-se noutras cidades de toda a Síria, como Petra, Hims, Harrân e Edessa e encontravam-se cristianizados. O comércio entre a Síria Romana e os beduínos da Península Arábica era uma constante, pontuada por esporádicos confrontos militares. O que se alterou em 634 foi que as tribos da península se aliaram. Os impérios Bizantino e Sassânida encontravam-se enfraquecidos após a recente guerra em que a vitória de Heráclio deu pouco conforto aos habitantes da Síria bizantina (Tolan, 2002, p. 32). Mas em 644, no momento da morte de Umar, os muçulmanos controlavam todo o crescente fértil, o Egipto, grande parte da Pérsia, indo as suas conquistas atingir ainda mais além nas décadas seguintes. Acresce que estas conquistas pareciam confirmar a crença muçulmana que Deus estava do seu lado, como o patriarca de Jerusalém se queixou, e que se encontravam em vias de dominar o mundo. Este sentido de missão divina foi certamente um fator chave para o rápido sucesso das conquistas (Tolan, 2002, p. 33). De facto, o que é significativo, é que foi na fronteira do Império Roma-

no e muito mais além, que uma pressão demográfica jogou contra o seu futuro, aliada a uma incapacidade política de sustentar um sistema socioeconómico.

As conquistas dos Árabes não eram completamente estranhas no Norte do Mediterrâneo. Os Francos não eram indiferentes, nem poderiam deixar de o ser depois da rendição de Jerusalém em 638. A Crónica de Fredegarius (ou do «pseudo-Fredegário») corresponde a um conjunto de textos produzidos na Gália meróvingia e foi compilada por um autor anónimo, eventualmente da Borgonha, que terá morrido por volta de 660, mas que desde o século XVI se convencionou assim denominar, constituindo uma das fontes fundamentais para a história dos francos e que descreve a «história universal» até meados do século VII. Particularmente o Livro IV, também conhecido como Sexta Crónica, abrange os acontecimentos entre 584 e 642, embora o autor também mencione alguns factos do fim da década de 650. Na crónica é descrita a política religiosa e militar de Heráclio (ca. 575-641) frente aos judeus e árabes, representando tais povos como «ameaças apocalípticas que deveriam ser detidas de qualquer forma antes do Juízo Final» (Souza, 2011, p. 17).

Note-se que o autor da crónica refere concretamente como principais fontes as crónicas de São Jerónimo (ca. 347-420), de Idácio de Chaves (ca. 400-469), de Gregório de Tours (ca. 538-594) e de Isidoro de Sevilha (ca. 560-636), mas eventualmente poderia ter tido acesso a informações ou a testemunhos da época, apresentando como explicação para a derrota bizantina frente aos exércitos muçulmanos, um «castigo de Deus» e descreve que, antes da rendição de Jerusalém em 638, as relíquias haviam sido transportadas para Constantinopla para consolo dos cristãos (Souza, 2011, p. 21).

Dado que a situação do Mediterrâneo Oriental não seria desconhecida das elites cultas do Norte, e como os seus efeitos já se haveriam manifestado nas relações comerciais, pelo que a sua chegada à Península Ibérica em 710 e 711, não deve ter constituído uma novidade, mas a continuidade de uma guerra de conquista de um império em expansão, na criação do seu sistema mundo.

Em finais do século VII, a economia hispânica deveria encontrar-se em condições precárias, fazendo Pedro Chalmeta referência a uma grande fome no reinado de Ervígio e, já no século VIII, para além da epidemia de peste bubónica de 693 e a outra grande fome entre 707 e 709 que causou imensa mortandade, na qual, segundo a crónica de 754, teria morrido metade da população (Chalmeta Gendrán, 2003, p. 73).



Figura 2 – Inscrição funerária referente a uma morte atribuída à peste bubônica em Córdoba em 609 (CIL II2/7, 00677; tab. 19, 7)²

2. NOTAS SOBRE A FORMAÇÃO DE AL-ANDALUS

A formação do al-Andalus enquanto entidade política e económica encontra-se estritamente relacionada com a sua islamização e arabização – ou, mais exatamente, orientalização – da Península Ibérica, em concreto da sua população.

Nesse processo deverá ter tido importância fundamental, durante os séculos VIII-IX, a aculturação das elites autóctones, como o caso das antigas famílias nobres visigodas que apesar dessa aculturação, acabaram por se tornar num fator de destabilização e de resistência ao poder político central emiral e, posteriormente califal, sediado em Córdoba.

Praticamente todas as fontes árabes com que contamos para reconstituir a conquista do ano 711 são compilações tardias. Com a exceção do *Kitāb al-Ta'riḥ* de 'Abd al-Malik b. Ḥabīb (m. em 853) e do *Ta'riḥ iftītāḥ al-Andalus* de Ibn al-Qūṭiyya (m. em 977), nenhuma das fontes que chegou até nós com informações sobre este evento crucial é, no mínimo, anterior ao século XI (Manzano Moreno, 2012, p. 2). Ibn al-Qūṭiyya, na mencionada obra sobre a conquista do al-Andalus, referencia Sara a Goda, neta do rei visigodo Vitiza, e a viagem desta sua possível antepassada a Damasco, onde o califa Hisham a casou com 'Isā ibn Muzāḥim, antepassado dos al-Qūṭiyya, que veio com ela para a Península Ibérica (Vigera Molins, 2011, p. 11). Também

² Transcrição: -----] / ab inguina/li plaga o/biit er(a) DC/XLVII.

segundo o cronista cordovês do século XI, Ibn Hazm, na época da conquista da Hispânia, um tal Conde Cásio ter-se-á dirigido a Damasco para declarar a obediência ao Califa al-Walid, convertendo-se ao Islão como forma de manter os privilégios (Cañada Juste, 1980, p.6), dando origem aos muladí Banu Qasi, clientes da dinastia Omíada.

Essa permanência das elites terá permitido que a transição e aculturação se desse com relativa tranquilidade permitindo a eventual continuidade económica e social nos campos.

Martínez Enamorado (2006) apresenta um trabalho muito crítico da historiografia do al-Andalus, considerando simplificadoras muitas das análises que o reduzem a uma soma de territórios rurais, apesar de as cidades e fortalezas não alterarem essa evidente realidade em que os «invisíveis» camponeses se situam no centro do debate, no centro da história, substituindo alguns conceitos de difícil concretização empírica, como a islamização e como a mesma se processou.

O processo de domínio político do território pelos invasores passou pela submissão das principais cidades e pacificação do território através da incursão militar, campanhas realizadas por Tāriq, Mūsā, governador da Ifríquia, e pelo seu filho 'Abd al-'Aziz³, entre 711 e 716, que terá decorrido de forma mais ou menos pacífica, apresentando-se como exemplo o pacto de Teodomiro em Múrcia (Pavón Benito, 2006, p. 191), que terá tido como modelo o tratado ou leis do segundo Califa Rashidun, Umar ibn Khattab.

A submissão da Hispânia foi um processo militar e diplomático. A leitura atenta do Pacto de Teodomiro de 713 demonstra, em primeiro lugar, a existência de um importante foco de resistência ao invasor num território que compreende sete cidades que preferiu negociar uma trégua e a aceitação, mesmo que temporária, de uma autonomia regional. O Pacto assegurava a vida e a liberdade dos seus homens, que não seriam forçados a abandonar a sua religião, a salvaguarda das suas igrejas a troco do pagamento de uma taxa em géneros e dinheiro, bem como a garantia que o território não se tornaria um santuário para os inimigos de Abd al-'Aziz. Chalmeta chama a atenção para que o pacto de Teodomiro distingue perfeitamente um grupo dominante de um grupo de servos, provavelmente colonos ou libertos (Chalmeta Gendrán, 2003, p. 223).

Não se pode deixar de falar aqui de um vestígio

³ Ter-se-á casado com Egilona, viúva do rei Rodrigo, em 713, na igreja de Santa Rufina, em Sevilha (Calvo Capilla, 2007, pp. 161-162).



Figura 3 – Pacto de Teodomiro no código de al-D.abbī (1155-1203).

material epigráfico constituído por 141 selos de chumbo com inscrições em árabe, que datam, na sua maior parte, do primeiro quarto do século VIII e encontrados na sua maioria na Península Ibérica (103), e cerca de 46 provenientes do sítio arqueológico de Ruscino, na Narbonense visigoda, em Perpilhão. Constituem verdadeiros documentos oficiais emitidos entre os anos de 711 e 756, com relação evidente com a conquista muçulmana. Estes foram atados a bolsas com o saque em moedas ou objetos valiosos ou a recipientes com produtos alimentícios (grãos ou farinha, por exemplo), arrecadados como tributo, e com indicação da proveniência (Sénac & Ibrahim, 2017).

Entre estes achados destaca-se o selo proveniente de Ossonoba (Faro), que recolhe a mensagem «Tratado de Paz de/ Ossonoba» (Figura 4A), cidade que terá sido capturada no tempo de Mūsā, por seu filho 'Abd al-Azīz, por meio de um pacto, conforme demonstra esta epígrafe (Ibraim, 2011, pp. 153-154, Fig. 9).

Muito interessante também é um selo que reproduz a mensagem, «No nome de/ Deus/ recinto/ do povo de Beja» (Figura 4B). Embora se saiba pelas crónicas que Beja foi tomada por 'Abd al- Azīz, infere-se tratar-se este de um selo de yizya que indicará que a cidade foi obtida graças a um pacto, sendo assim uma evidência material da aceitação e submissão dos não-muçulmanos ao novo poder (Ibraim, 2011, pp. 156-157, Fig. 13).

Conhece-se também um outro selo, exumado em

com a inscrição «farinha de Beja» que que pode corresponder a sacos de cereais concedidos para o abastecimento de tropas, que tem como exemplo a lista que consta do tratado de Tudmir (Sénac & Ibrahim, 2017, pp. 32, 93 – N.º 41).

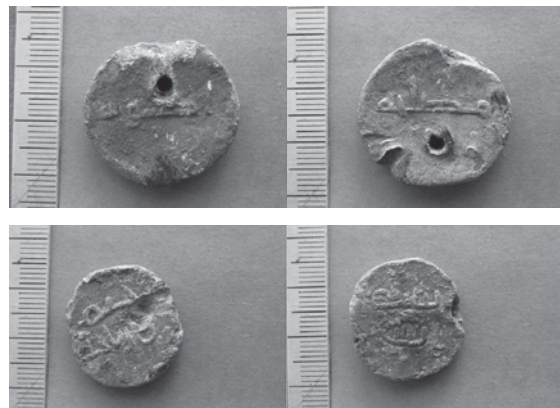


Figura 4A e 4B – Selos epigrafados provenientes de Ossonoba (Faro) e de Beja (Ibraim, 2011, Fig. 9 e Fig. 13).

Na Crónica de 754, nas passagens que tratam do avanço dos muçulmanos e da devastação e morte que se vai produzindo no território, o cronista não demonstra qualquer empatia para com os conquistadores que considera «bárbaros» (Albarrán Iruela, 2013, p. 57):

«Com el fuego deja asoladas hermosas ciudades, reduciéndolas a cenizas; manda crucicar a los señores y nobles y descuartiza a puñaladas a los jóvenes y lactantes (...) Así, sobreesta España desdichada, en Córdoba (...) establecen un reino bárbaro».

Na viagem de Saint Willibald⁴ à Palestina (c. 723/24–726/27), onde foi preso à chegada a Homs, na Síria, este travou conhecimento com um homem da Hispânia cujo irmão «era o camareiro do rei dos sarracenos», o que sugere que estes poderiam encontrar-se cativos⁵.

⁴ São Willibald (nascido em Wessex, c.700 e falecido em 787, em Eichstätt) foi um bispo do século VIII de Eichstätt, na Baviera.

⁵ “Hodoeponicon (itinerário) de Saint Willibald”, texto escrito no século VIII por Huneberc, uma freira anglo-saxônica de Heidenheim am Hahnenkamm que conheceu pessoalmente Willibald e o seu irmão, e que descreve a jornada deste e de um grupo de sete companheiros à Palestina (c. 723/24 - 726/27):

«Então, enquanto eles ainda estavam definhando na prisão, um homem da Hispânia veio e falou com eles dentro da prisão. Em si e fez investigações cuidadosas sobre sua nacionalidade e pátria. E eles [163] disseram-lhe tudo sobre a sua jornada do primeiro ao último. Este hispânico tinha um irmão na corte do rei, que era o camareiro do rei dos sarracenos.»

Ainda segundo Javier Albarrán Iruela (2013, p. 57) apesar deste pouco apreço pelo elemento invasor, em nenhum momento menciona a existência de um conflito de origem religiosa: não há menção a queima ou pilhagem de igrejas, ou de qualquer imposição religiosa, pelo que se os conquistadores tivessem sido cristãos, a descrição que faria o cronista seria provavelmente a mesma.

A maioria da população seria constituída por convertidos, os muladíes e por cristãos e compreendia, para além das elites, agricultores, pastores, pescadores e artesãos, ou seja, a massa da população do al-Andalus (Pavón Benito, 2006, p. 191).

À adesão inicial de elementos populacionais indígenas à religião dos vencedores, seguiu-se a conversão em fases posteriores das segundas gerações de moçárabes. Paralelamente à islamização, verificou-se uma arabização (orientalização) por vezes reivindicada para promoção social.



Figura 5 – Dinar, moeda de ouro (MCM 3885) corresponde à primeira espécie cunhada neste metal durante o domínio islâmico no território ibérico – 93 H. / 712 d.C., com legenda em árabe e latim, onde se pode ler «Span[ia]» (fotografia do Museu da Casa da Moeda).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Península Ibérica as duas principais fontes escritas latinas, apesar de não transmitirem um sentimento de simpatia pelos invasores, não incidem sobre a questão religiosa, subjacente ao seu substrato cultural e ideológico.

A submissão da Hispânia e a formação do al-Andalus foi assim um processo militar e diplomático que envolveu um longo e complexo processo de hibridismo cultural.

Mas se é importante ter presente que a ideia da supremacia dos aspetos socioeconómicos na modelação da sociedade em transformação, a mudança das elites e das mentalidades subsequente a 711, tal como a alteração no sistema de trocas do Mediterrâneo, não era de todo um elemento desconhecido da sociedade de então.

BIBLIOGRAFIA

ALBARRÁN IRUELA, Javier (2013) – Dos crónicas moçárabes: fuentes para el estudio de la conquista de al-Andalus. *Revista Historia Autónoma*. 2 (Marzo), pp. 45-58.

ALMAGRO-GORBEA, Martín; CABALLERO ZOREDA, Luis; ZOZAYA Stabel-Hansen, Juan; ALMAGRO GORBEA, Antonio, (1975) – *Qusayr ‘Amra: residencia y baños omeyas en el desierto de Jordania*. Madrid: Ministerio de Asuntos Exteriores; Dirección General de Relaciones Culturales; Instituto Hispano-Árabe de Cultura.

ARCE, Javier (2011) – *Esperando a los árabes. Los visigodos en Hispania (507-711)*. Madrid: Marcial Pons, 344 p.

BAER, Eva, (1999) – The Human Figure in Early Islamic Art: Some Preliminary Remarks. *Muqarnas* [Em linha], 16, pp. 32-41. BRILL, Stable. [Consult. 13.09.2010]. Disponível em WWW: <URL:<http://www.jstor.org/stable/1523264>>.

BISHEH, Ghazi (2022) – “Fresco panel: ‘The Family of Kings’.” in *Discover Islamic Art*. [Em linha]. Vienna: Museum With No Frontiers. [Consult. 24.08.2022]. Disponível em WWW: <URL:https://islamicart.museumwnf.org/database_item.php?id=object;ISL;jo;Mus01_H;45;en>

CALVO CAPILLA, Susana (2007) – Las primeras mezquitas de al-Andalus a través de las fuentes árabes (92/711-170/785). *Al-qantara: Revista de estudios árabes*. Vol. 28, Fasc. 1, pp. 143-179.

CARDOSO, Elsa (2014) – O modelo da realeza visigoda e o modelo emiral omíada: entre continuidade e ruptura. *Workshop de Estudos Medievais da Universidade do Porto, 2013-14 (apresentado no dia 4 de Abril de 2014)* [Em linha]. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 1-15. [Consult. 12 Maio 2015]. Disponível em WWW: <URL:<http://ler.letras.up/uploads/ficheiros/13121.pdf>>.

CHALMETA GENDRÓN, Pedro (2003) – *Invasión e Islamización. La Sumisión de Hispania y la Formación de al-Andalus*. Jaén: Universidad de Jaén, 461 p.

CHRISTYS, Ann (2003) – The transformation of Hispania after 711: The Governors of al-Andalus. In GOETZ Hans-Werner; JARNUT Jörg; POHL Walter, KASCHKE Sören, eds. – *Regna and Gentes: The Relationship between Late Antique and Early Medieval Peoples and Kingdoms in the Transformation of the Roman World*. Leiden: Brill, pp. 219-241.

CIL II/2/7 = Academiae Scientiarum Berolinensis et Bradenburgensis, ed. (1995) – *Corpus inscriptionum Latinarum: Inscriptiones Hispaniae Latinae: Conventus Cordubensis*. Berolini; Novi Eboraci: de Gruyter. Ed. 2, vol. 2:7.

GUICHARD, Pierre (2002) – *De la expansión árabe a la Reconquista: esplendor y fragilidad de Al-Andalus*. Granada: Fundación El Legado Andalusi, 285 p.

HALSALL, Paul (Ed.) – Huneberc of Heidenheim: The Hodoeporic of St. Willibald, 8th Century. *Internet Medieval Sourcebook*. [Em linha]. New York: Fordham University. [Consult. 23 Junho 2015]. Disponível em WWW: <URL:https://sourcebooks.fordham.edu/basis/willibald.asp>.

IBRAIM, Haff (2011) – Nuevos documentos sobre la Conquista Omeya de Hispania: Los precintos de plomo. *Zona arqueológica (Ejemplar dedicado a: 711, arqueología e historia entre dos mundos)*. N.º 15, 1, pp. 147-164.

KENNEDY, H. (2007) – *The Great Arab Conquests*. Filadélfia: Da Capo Press, 421 p.

LÓPEZ PEREIRA, José Eduardo, ed. crítica e trad. (1980) – *Crónica mozarabe de 745*. Saragoça: Anubar Ediciones.

MANZANO MORENO, Eduardo (2012) – Los relatos de la conquista de al-Andalus en las fuentes árabes: un estudio sobre su procedencia. (*CCHS-IH*) *Informes y documentos de trabajo* [Em linha]. Madrid: CSIC, 185 p. [Consult. 24.08.2022]. Disponível em WWW: <URL:http://hdl.handle.net/10261/44814>.

MARTÍN IGLESIAS, José Carlos, ed. crítica (2003) – *Isidori Hispalensis Chronica*. Turnhout: Brepols, (Corpus Christianorum. Series Latina; 112), 239 p.

MARTÍNEZ ENAMORADO, Virgilio (2006) – Reflexiones sobre el estudio de al-Andalus como sociedad o, de nuevo, qué arqueología para al-Andalus. In GARCÍA SANJUÁN, A., ed. – *Saber y sociedad en al-Andalus. IV-V Jornadas de Cultura Islámica en Almonaster la Real (Huelva)*. Huelva: Universidad de Huelva, pp. 193-237.


PAVÓN BENITO, Julia (2006) – Muladíes. Lectura política de una conversión: los Banū Qāsi (714-924) A Political Reading of Religious Conversion: The Case of the Banu Qasi (714-924). *Anaquele de Estudios Árabes*. 189, vol. 17, pp.189-201.

SÉNAC, Philippe; IBRAIM, Tawfiq (2017) – *Los precintos de la conquista omeya y la formación de al-Andalus (711-756)*, prólogo GUICHARD, Pierre. Granada: Editorial Universidad de Granada, 156 p.

SOUZA, Guilherme Queiroz de, (2011) – A reação do basileus Heráclio (c. 575-641) frente aos judeus e árabes no Livro IV da Crônica de Fredegário (†c. 660): ameaças apocalípticas? *Brathair* [Em linha]. 11 (2), pp. 16-27. [Consult. 15 Julho de 2014]. Disponível em WWW: <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/687/609>.

TOLAN, John Victor (2002) – *Saracens: Islam in the medieval European imagination*. New York: Columbia Press University, Chichester, 400 p.

VIGUERA MOLINS, María Jesús (2011) – La conquista de al-Andalus según Ibn al-Qutiyya (siglo X). *Aljaranda: revista de estudios tarifeños, (NÚMERO MONOGRÁFICO CONMEMORATIVO DEL XIII CENTENARIO DEL DESEMBARCO ÁRABO-BEREBER DEL 711)*. N.º 81, pp. 8-13.



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2022

www.arqueologos.pt